



A mulher vestida de sol: símbolo de vida e resistência em Ap 12

*Florice Alves Ferreira*¹

Resumo

Este estudo propõe uma leitura bíblico-teológica da figura da mulher vestida de sol, descrita em Apocalipse 12, como expressão da potência feminina enquanto geradora e protetora da vida. Por meio de revisão bibliográfica, busca-se compreender como essa representação simbólica do feminino, na narrativa apocalíptica, se articula nas dimensões cósmicas, espirituais e históricas, atuando como força de resistência em favor da vida em meio ao caos. Conclui-se que a mulher como figura que gera vida em contexto de conflito, revela a potência do feminino que desafia a desordem e participa da transformação e do equilíbrio do universo.

Palavras-chaves: Mulher vestida de sol. Narrativa apocalíptica. Potência do feminino.

1 Introdução

Ao propor uma leitura bíblico-teológica da figura da mulher vestida sol apresentada em Ap 12, enquanto potência criadora e criativa em meio ao caos, surge uma pergunta inquietante: por que o autor da narrativa apocalíptica utiliza a figura de uma mulher – um arquétipo feminino – para comunicar, de maneira simbólica, uma mensagem de esperança em chave apocalíptica, num ambiente marcado pelo sistema patriarcal? Qual é sua função da mulher nessa conjuntura apocalíptica?

O contexto da narrativa é o de um conflito entre o céu e a terra, atingindo as dimensões cósmica e espiritual. O ponto de partida do autor é o chão da história onde se encontra situado. Nesse duelo, a mensagem do texto está dominada pelo patriarcalismo e pelo antropocentrismo. Pode-se perguntar: uma mulher grávida poderia simbolizar uma ameaça ao poder vigente, sendo um sinal de fragilidade humana? Quem é essa mulher?

¹ Mestranda do Curso de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. E-mail: ferflorice7@gmail.com

A literatura apocalíptica é marcada por imagens e símbolos complexos, que oferecem muitas possibilidades de interpretação para além do sentido literal. O capítulo 12 do Apocalipse apresenta a mulher vestida de sol como uma figura que emerge como um dos ícones mais emblemáticos e poderosos do texto. Este breve estudo propõe uma abordagem hermenêutica de aporte feminista que reconhece nessa mulher a representação do feminino enquanto potência criadora, que gera vida, que resiste à ameaça do mal e participa do plano salvífico de Deus.

De acordo com Weiler (2003, p. 75), há na hermenêutica feminista uma busca por observar que as mulheres, na literatura apocalíptica, ocupam um lugar invisível e pouco relevante, sendo vistas sempre numa perspectiva dualística: ora como santas, ora como prostitutas. Weiler destaca que o livro do Apocalipse segue um sistema patriarcal e colocava as mulheres da época em dois grupos distintos: o grupo das mulheres íntegras e das prostitutas.

Seguindo a perspectiva da hermenêutica feminista, observa-se numa versão inversa à lógica do sistema patriarcal, a mulher do Ap 12 como uma potência feminina, dotada de força e poder, apesar da vulnerabilidade decorrente da gravidez que o autor simbolicamente descreve.

2 O grande sinal: a mulher vestida de sol (Ap 12,1-6)

Dentre as figuras femininas que aparecem no Apocalipse - a saber, Jezabel (Ap 2,20); a Mulher (Ap 12 e 17); e a noiva (Ap 21-22) - somam-se quatro, cada uma com suas características e ação singulares. Neste estudo, vamos nos deter na mulher de Ap 12, a grande personagem feminina que atua no drama do Apocalipse figurando a mulher que sofre perseguição.

Segundo Carvalho (2004, p. 3), a mulher em Ap 12,13-14 é a mesma que está vestida de sol (v. 1), e tenta guardar o filho varão das investidas do inimigo draconiano. A narrativa do nascimento e arrebatamento do Filho fundamenta o motivo pelo qual o dragão persegue a mulher, que “continua exposta à fúria do dragão, que se volta contra ela” (Weiler, 2003, p. 75).

Conforme afirma Miranda (2015, p. 108), “a Mulher no Apocalipse é descrita como um sinal (semeion), e vem acompanhada de dois outros sinais”. O visionário

João de Patmos apresenta três sinais vistos no céu. O primeiro em 12,1 – um grande sinal – é uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e doze estrelas na cabeça. O segundo sinal aparece em 12,3 – um grande dragão vermelho. O terceiro sinal aparece em 15,1 – outro sinal no céu, grande e maravilhoso. O cenário é visivelmente uma batalha cósmica.

Entre esses sinais há uma interligação, retratando realidades vivenciadas pelas comunidades dos seguidores de Jesus no primeiro século da E. C, no período do reinado do imperador Domiciano. Toda a narrativa revela um ambiente de batalha. Entre uma cena e outra, a Mulher prefigura uma ligação cósmica entre o céu e a terra. O fato de estar grávida e gritando em dores de parto denota uma força operante que se oculta sob aparente fragilidade.

A descrição da mulher – “vestida de sol, com a lua sob os pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça” (Ap 12,1) – evoca uma realidade cósmica e espiritual. O sol, símbolo de glória e luz divina, reveste a mulher com dignidade celestial e participação na esfera divina. A lua debaixo dos pés, implica o domínio sob os ciclos naturais e a instabilidade, enquanto as doze estrelas evocam a totalidade do povo de Deus na linguagem bíblico-teológica. Trata-se, assim, de uma representação coletiva: a comunidade messiânica. A mulher não é uma figura individual, mas uma realidade simbólica que condensa a experiência do povo fiel na relação com o projeto de Deus.

De acordo com Casalegno, verifica-se a riqueza de simbologia empregada na apresentação da Mulher. Em um único versículo, três símbolos dão a dimensão de sua grandeza:

O sol que a envolve destaca sua relação particular com Deus, de acordo com a simbologia bíblica. Também o rosto de Jesus, na visão inaugural do Apocalipse, é resplandecente como o sol quando brilha com toda a sua força (Ap 1,16). O pormenor do sol que transfigura a Mulher afirma que ela participa, desde já, da transcendência divina, gozando de uma particular proximidade com Deus. O fato de a Mulher ter a lua debaixo de seus pés indica que ela já vive em uma dimensão superior à do tempo que passa, pois na Antiguidade a lua servia para determinar as estações, estabelecer as festas litúrgicas e o calendário. A Mulher está, pois acima dos acontecimentos humanos, olhando para as realidades eternas. A coroa de doze estrelas sobre sua cabeça é sinal da vitória final, apesar das

dificuldades que devem enfrentar na história (Casalegno *apud* Lima, 2024, p. 4)

A figura do feminino no contexto do texto apresenta a mulher como ícone de uma potência criadora e salvífica que atua no centro da narrativa em tons escatológicos. Sua presença evidencia a relevância do feminino como dimensão ativa no desdobramento da história da salvação.

3 O feminino como potência criadora na luta contra o dragão (Ap 12,13-18)

A mulher está grávida e sofre dores de parto (Ap 12,2). O componente central da narrativa é o ato de gerar. No contexto apocalíptico, o ato de dar à luz configura-se como o gesto de resistência em meio ao conflito cósmico. A mulher em trabalho de parto está sob a ameaça do dragão – símbolo das forças demoníacas e opositoras aos desígnios de Deus. Desse modo, o feminino associa-se à capacidade de resistir, gestar e perseverar, mesmo em contextos adversos. É um espaço de travessia entre a promessa e a realização, entre a gestação da esperança e sua manifestação concreta na história. Nessa perspectiva, a mulher torna-se mediadora da ação salvífica e libertadora de Deus, participando da vitória escatológica de Deus sob as forças do caos (Almeida; Paula, 2025).

O embate inicial entre a Mulher e o dragão ocorre no céu. Pouco depois, a batalha se estende para a terra, pois a Mulher precisa fugir para o deserto a fim de salvar o filho que está para nascer – a criança da promessa messiânica.

Schökel (2017, p. 2515) comenta que essa luta é acompanhada de impressionantes perturbações no céu e na terra. O texto apresenta um dualismo marcado por antíteses e oposições simétricas de personagens, figuras e cenas. O leitor de Apocalipse se encontra diante de um dualismo do mundo e da história.

Miranda (2015, p. 109) descreve o cenário dramático: na luta entre Miguel e o dragão-Satã, este é expulso do céu. Enfurecido por não ter alcançado o seu intento – devorar a mulher e a criança – volta-se contra os seguidores do Cordeiro, os descendentes da Mulher.

De acordo com Weiler (2003), a visão da mulher descrita no Apocalipse foi, no período medieval, interpretada a partir de uma perspectiva pietista, identificando-a com a mãe de Jesus, recebendo o título de Rainha dos Céus. Weiler menciona também mitos semelhantes da mulher e do dragão em outras culturas como Egito e Grécia.

A leitura teológica dessa perícopie permite compreender o feminino como categoria simbólica central na economia da salvação. A mulher vestida de sol representa a comunidade crente que, sustentada por Deus, gera e anuncia a vida messiânica em meio à perseguição. Encarna simultaneamente vulnerabilidade e força, passividade e ação, acolhimento e resistência.

Segundo a análise de Andrade (2012), encontra-se nessa figura feminina a representação da nova humanidade, que venceu as forças do mal simbolizadas pelo dragão:

[...] a mulher simboliza a humanidade regenerada, que venceu as forças do mal simbolizadas pelo dragão, a antiga serpente (Ap 12,1-18). A mulher coopera com o plano divino, e é perseguida, mas vive alimentada pela Palavra de Deus. Nenhuma força caótica conseguiu destruir sua beleza e harmonia, pois seu Filho, o homem Jesus, foi levado para junto do trono de Deus e reina com Ele (Andrade, 2012, p. 47).

Desse modo, a mulher de Apocalipse 12, que geme em dores de parto, dá à luz o filho que vai para junto de Deus e enfrenta o dragão furioso, faz referência ao contexto de opressão da época. Se o dragão representa o reino opressor, a mulher simboliza as comunidades cristãs do primeiro século.

4 Implicações teológicas e contemporâneas

No horizonte contemporâneo, essa imagem adquire ressonâncias significativas para a reflexão teológica e eclesial sobre o papel do feminino. Ela desafia concepções reducionistas e sexistas, abrindo espaços para o reconhecimento da dimensão criadora e transformadora da mulher e do princípio feminino na história. A mulher do Apocalipse é protagonista: sua existência revela que a salvação se manifesta também por meio da capacidade de gerar a vida e a esperança em contextos marcados por conflitos.

Na abordagem da hermenêutica feminista de Fiorenza, a interpretação feminista do texto parte “das relações de poder, considerando etnia, identidade e gênero” (Fiorenza apud Lima, 2011, p. 46). Assim, o modo como o autor do Apocalipse utiliza a imagem de uma mulher para representar a comunidade perseguida é paradigmático. Conforme Lima (2010), a técnica de intertextualidade utilizada pelo autor faz com que empreguemos imagens e símbolos de uma unidade para interpretar outra.

Conforme as análises de Carvalho (2004), “a figura draconiana opõe-se à figura feminina, tal como em Israel várias figuras femininas têm de lutar contra algumas figuras babilônicas reais ou proféticas”. O efeito teológico-ecclesial resultante levou à identificação da mulher com a Igreja perseguida”. Se a mulher de Ap 21 é a Esposa do Cordeiro, o corpo da Igreja e das sete comunidades eclesiais do Apocalipse, esta figura é antecipada no sinal grandioso de Ap 12. É possível interpretar a Mulher vestida de sol como o corpo de Cristo que prolonga o filho de Deus nascido no seio de sua comunidade primitiva (Carvalho, 2004, p. 13).

A presença da figura feminina na narrativa de Ap 12, demonstra que a revelação divina se realiza na interação entre transcendência e corporeidade, entre a ação divina e a resposta humana, entre o gesto de Deus e a força criadora do feminino.

Portanto, a mulher vestida de sol, constitui um arquétipo teológico do feminino como potência criadora, não somente no sentido biológico, mas como princípio espiritual, ecclesial e histórico. Sua presença no texto apocalíptico revela que, mesmo diante do caos, o feminino permanece como força vital, capaz de gestar o novo e sustentar a esperança. Ela representa a comunidade ecclesial perseguida, em cujo martírio é anunciado ao mundo o Filho que Deus coloca em seu seio. A mulher revestida de sol é, assim, a Igreja que se purifica pelo sofrimento em meio à adversidade deste mundo.

5 Considerações finais

A análise do Apocalipse 12, sob a perspectiva da hermenêutica feminista, sugere uma chave de leitura baseada no consenso entre pesquisadores de que as

imagens do dragão e da mulher remetem ao contexto de uma cultura patriarcal, cujo espaço dominante era masculino. Enquanto o dragão representa os reinos opressores, a mulher simboliza as comunidades cristãs da época.

A hermenêutica feminista preocupa-se em analisar como a mulher, que representa a comunidade, não é vista enquanto símbolo de poder e força do feminino, e, portanto, como símbolo de vida e resistência diante do caos. No entanto, na narrativa apocalíptica, a figura feminina é eleita para simbolizar a comunidade, apesar de a mulher não ocupar um lugar de destaque na sociedade da época.

Em síntese, constata-se que a figura da mulher em sua segunda aparição, descrita como “a mulher cósmica” de Ap 12,2, grávida, estando em dores de parto, não indica mera fragilidade passageira, mas revela uma força criadora do feminino que surge como sinal de esperança diante de uma situação permanente de luta e resistência, frente à perseguição contra a vida ameaçada.

Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato de; PAULA, Patrícia Carneiro de. O perdão e o amor em “A mulher pecadora perdoada” em Lucas 7,36-50: Uma reflexão ético-teológica, feminista e libertadora. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p.01-16, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2025v6n11a06>. Acesso: 17/12/2025.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *Eis que faço novas todas as coisas: teologia apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CARVALHO, José Carlos. A mulher hebraica do Apocalipse. *Humanística e Teologia*, v. 26 n. 1, p. 3-19, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2005.8190>. Acesso em 27/11/2025.

LIMA, Anderson de. O Apocalipse 12: um conjunto literário. *Perspectiva Teológica*, v. 42, n. 117, p. 205-226, 2010. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/860>. Acesso: 17/09/2025.

LIMA, Danielle V. B. de. Apocalipse Doze: uma análise da leitura conflitual e da hermenêutica feminista. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 21, n. 1/3, p. 37-49, 2011. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1661/1051>. Acesso em: 27/11/2025.

LIMA, Luiz Henrique Gregório de. A compreensão do mal à luz das imagens da mulher e do dragão no livro do Apocalipse 12. *Revista Pesquisa em Teologia*, Rio de Janeiro, v.7, n. 12, p. 1-12 jan./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/pesquisasemteologia/article/download/1936/1098/8242>. Acesso: 17/09/2025.

MIRANDA, Valtair Afonso. Apocalipse 12,1-6: Uma leitura do combate entre a mulher e o dragão. *Estudos Bíblicos*, vol. 32, n. 125, p. 106-115, 2015. Disponível em <http://revista.abib.org.br/EB/article/view/201/200>. Acesso: 07/10/2025

WEILER, Lucia. Mulher-Maria-Comunidade-Povo: A mulher no apocalipse 12. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 46, p. 69-80, 2003.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. 3ª edição – São Paulo: Paulus, 2017.